



Ethé em (dis)curso

A construção do contrato de cura em relato de uma vítima de João de Deus

Jean Ignacio Lima

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

orcid.org/0000-0002-6365-8067

Lúcia Helena Martins Gouvêa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

orcid.org/0000-0002-8743-4033

Este trabalho, ancorando-se, sobretudo, na teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (Charaudeau, 2019), tem por objetivo analisar a construção do *ethos* prévio e do *ethos* discursivo de João de Deus, a partir do *ethos* atribuído em relato de uma de suas vítimas feito ao livro-reportagem “A Casa” (2020). Pela relação de força exercida em cena comunicativa, o *ethos* prévio de João de Deus (médium curandeiro) lhe confere o potencial de apagar o *ethos* efetivo (abusador) durante os rituais de cura, silenciando, conseqüentemente, suas vítimas e levando-as a creditá-lo pela sua legitimidade. Convocam-se a esta análise, portanto, conceitos fundamentais sobre o *ethos* como meio artístico de prova na persuasão (Charaudeau, 2018); (Maingueneau, 2008/2013), entre outros. A partir de um estudo pela ótica dos *ethé* identificados pelos sintagmas nominais e verbais, espera-se, então, evidenciar, pelo relato da vítima, as estratégias linguístico-discursivas na encenação médium-paciente que subvertem abusos sexuais em atos de cura.

Palavras-chave: Semiolinguística. *Ethos*. Relato. Abuso Sexual.

***Ethé* en (dis)curso: la construcción del contrato de curación según una víctima de João de Deus**

Este trabajo, anclado, sobre todo, en la Teoría Semiolingüística del Discurso (Charaudeau, 2019), tiene como objetivo analizar la construcción del *ethos* previo y del *ethos* discursivo de João de Deus a partir del *ethos* atribuido en un relato de una de sus víctimas. otorgado al libro de memorias “A Casa” (2020). Debido a la relación de fuerza ejercida en la escena comunicativa, el *ethos* previo de João de Deus (médium sanador) le da el potencial de borrar el *ethos* efectivo (abusador) durante los rituales de curación, silenciando en consecuencia a sus víctimas y llevándolas a acreditarlo. por su legitimidad. Por tanto, conceptos fundamentales sobre el *ethos* como medio artístico de prueba en la persuasión (Charaudeau, 2018), (Maingueneau, 2008/2013), entre otros. A través de frases nominales y verbales, se espera, entonces, ressaltar las estrategias lingüístico-discursivas en el escenario del paciente medio que subvierten los abusos sexuales en actos de curación.

Palabras clave: Semiolingüística. *Ethos*. Informe. Abuso Sexual.

***Ethe* in (dis)course: the construction of the cure contract in the report of a John of God's victim**

This work, anchored mainly on the Semiolinguistic theory of Discourse Analysis (Charaudeau, 2019), aims to analyze the construction of the previous *ethos* and the discursive *ethos* of John of God based on the *ethos* attributed in a report of one of his victims granted to the book-report “A Casa” (2020). Due to the relationship of force exerted in the communicative scene, the previous *ethos* of John of God (healer medium) gives him the potential to erase the effective *ethos* (abuser) during healing rituals, consequently silencing his victims and leading them to credit him for his legitimacy. Therefore, this analysis calls for fundamental concepts about *ethos* as an artistic means of proof in persuasion (Charaudeau, 2018), (Maingueneau, 2008/2013), and others. By the noun and verbal phrases, it is expected, then, to evidence, through the victim's report, the linguistic-discursive strategies in the medium-patient staging that subvert sexual abuse into acts of healing.

Keywords: Semiolinguistic. *Ethos*. Report. Sexual abuse.

Introdução

Inclinando-se à teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (Charaudeau, 2019), este texto visa a analisar a construção do *ethos* prévio e do *ethos* discursivo de João de Deus, a partir do *ethos* atribuído em relato de uma de suas vítimas feito ao livro-reportagem “A Casa” (2020). Seleccionam-se para a análise sequências discursivas (SD) das quais três compõem um relato completo e integram o conjunto de *corpora* investigado na tese de doutorado que segue em curso na Universidade Federal do Rio de Janeiro⁶.

As SD analisadas compreendem um dos casos de abusos sexuais cometidos pelo médium brasileiro João de Deus durante os rituais de cura realizados na Casa – seu templo. De todos os crimes cometidos, investigam-se, especificamente, os abusos sexuais, pois eles se inscrevem em uma problemática histórica patriarcal segundo os sujeitos e seus papéis de gênero na sociedade. O médium abusava de suas pacientes/vítimas, levando-as a considerar percepções de violências como atos de cura, segundo ele, previstas no ritual.

Os esforços deste texto, ancorados na teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, encaminham-se a fim de mapear os mecanismos linguístico-discursivos, no processo de semiotização do mundo (Charaudeau, 2007), que indiciam a construção dos *ethé* no processo de influência exercido por João de Deus. Contudo, aqui, privilegia-se a voz do silenciado (Orlandi, 2007), lançando mão de uma análise a partir das noções de *ethos* em Maingueneau (2016, 2022) e em Charaudeau (2018), mas, sobretudo, a partir da perspectiva de outrem, a do *ethos* atribuído pelo discurso citado em relato da vítima.

Considerando, então, a análise da construção do *ethos*, a partir da hipótese de sua configuração no ritual de cura de João de Deus pela perspectiva de outrem, intenciona-se identificar imaginários sociodiscursivos que estão na base da relação de força cuja formatação se dá em uma posição de dominação-exploração (Saffioti, 2015), engendrando saberes de crença (Charaudeau, 2018) que secundarizam a mulher no curso histórico de boa parte das sociedades.

⁶ O tema foi explorado também em dissertação de mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir do aporte teórico da Análise do Discurso Materialista (Pêcheux, 1990). Trata-se agora de uma nova filiação teórica de Análise do Discurso – a Semiolinguística – que orienta esta investigação em busca de novas perspectivas sobre as relações de poder entre médium-paciente nos casos de crimes de abusos sexuais de João de Deus.

1 Pressupostos teórico-metodológicos

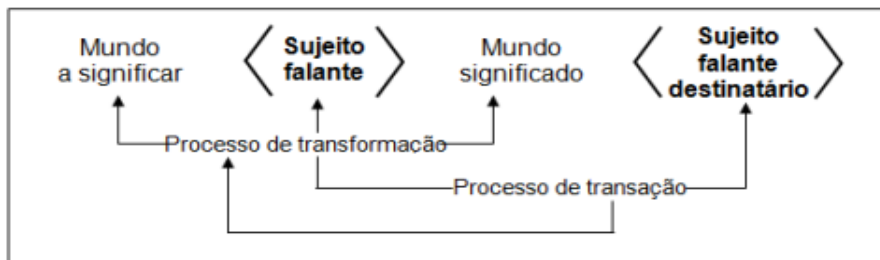
Aqui, mobilizam-se, de modo sucinto, três principais conceitos que serão mais bem aprofundados na tese em desenvolvimento: o de processo de semiotização do mundo (Charaudeau, 2007), o de imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2017) e o de *ethos* (Maingueneau, 2016, 2022); (Charaudeau, 2018). Espera-se ofertar, na próxima seção, pela ótica da Análise Semiolinguística do Discurso, considerações que reflitam acerca dos resultados prévios de algumas das SD (sequência discursiva) presentes no conjunto de *corpora*.

A Semiolinguística de Patrick Charaudeau é uma teoria do discurso que se propõe a descrever os fenômenos da linguagem no âmbito da significação. Ela considera, portanto, a relação forma-sentido na constituição dos atos de linguagem de modo que, na forma, examina-se a materialidade linguageira dos atos e a maneira pela qual eles falam sobre o mundo; e no sentido, a função e a articulação entre os sujeitos da linguagem, cuja implicação da matéria linguageira é orientada por suas intencionalidades. Pode-se dizer, então, que o eixo da forma corresponde à instrumentalização linguageira; enquanto o eixo do sentido, às intencionalidades pelas quais as materialidades são atravessadas, deflagrando filiações discursivas desses sujeitos durante a comunicação.

Desse modo, Charaudeau (2019) propõe que o método semiolinguístico deve ser duplo, pois, pelas instâncias de transmissão, o ato de linguagem é percebido como um conjunto de atos significadores que “falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. De onde se conclui que o Objeto do Conhecimento é o do que fala a linguagem através do como fala a linguagem” (Charaudeau, 2019, p. 20). Essa dupla articulação integra semioses, concomitantemente, uma constituindo a outra na construção de sentido.

É por esse processo duplo do método semiolinguístico que a semiotização do mundo ocorre. A troca linguageira entre os sujeitos é perpassada pela transformação da *realidade* em *real* significante, por meio dos imaginários sociodiscursivos mobilizados durante duas operações primordiais: a **transformação** e a **transação**. Conjuntamente, cada qual, em investigações forma-sentido a partir dos mecanismos linguístico-discursivos da matéria linguageira, opera na construção de sentido. Vejamos:

Quadro 1 – O duplo processo de semiotização do mundo



Fonte: Charaudeau (2007, p. 14)

Convém considerar que o processo de semiotização do mundo esbarra nas noções de *realidade* e *real*. De acordo com Charaudeau, elas incidem sobre o signo na linguagem:

[...] “a realidade” corresponde ao mundo empírico através de sua fenomenalidade, como lugar a-significante (e ainda a-significado), impondo-se ao homem em seu estado bruto aguardando ser significada. Em oposição, “o real” refere-se ao mundo tal qual ele é construído e estruturado por atividade significante do homem por meio do exercício da linguagem em suas diversas operações de nominação dos seres do mundo, de caracterização de suas propriedades, de descrição de suas ações inseridas no tempo e no espaço e de explicação da causalidade dessas ações. (Charaudeau, 2017, p. 574).

O “mundo a significar” corresponde à *realidade* com a qual o sujeito se depara para então transformá-la em *real* significativa pelos signos convencionados por determinados grupos de falantes e em determinadas sociedades (Charaudeau, 2017). Assim, a materialidade linguística viabiliza possíveis reais, que são atravessados pela subjetividade do sujeito, e tornam-se objeto discursivo da troca languageira.

Os princípios de **transação** comandam as operações de **transformação**. Eles sobredeterminam a passagem da *realidade* em *real*. Cada qual compreende princípios e operações específicas, as quais se descrevem adiante.

Na **transformação**, a *identificação* corresponde ao processo languageiro de criar identidades nominais. Portanto, trata-se de nomeá-las para que se possa falar delas. A *qualificação* compreende a atribuição de características às identidades nominais; trata-se das identidades descritivas atribuídas aos seres. A *ação* relaciona-se às identidades narrativas dos seres, o que garante à encenação discursiva a sucessão dos atos de linguagem e, por fim, a *causação*, que está intimamente ligada à *ação*, de modo a motivá-la, pois toda ação é desencadeada por uma causa por parte do sujeito que a pratica.

Uma vez tornada matéria discursiva, a *realidade*, agora transformada em *real* subjetivo, em um “mundo significado”, sobre as determinações de certos princípios transacionais, torna-se, então, objeto de troca entre os sujeitos do ato de linguagem. A troca, a **transação**, incide sobre quatro princípios que se levam em conta pelos sujeitos de acordo com a intencionalidade de seu projeto de fala.

Esses princípios são os de *alteridade*, *pertinência*, *influência* e *regulação*. Na *alteridade*, o caráter empático da linguagem comparece fortemente. Os sujeitos precisam reconhecer-se como iguais e diferentes concomitantemente. Isso garante que o projeto de fala se construa sobre o público com mais eficácia, pois é preciso que o sujeito falante reconheça para quem e como se fala. A *pertinência* diz respeito à tematização, ao conteúdo informacional da troca linguageira propriamente. É um dos componentes que integram as restrições dos contratos de comunicação que imperam tacitamente sobre as encenações dos sujeitos, havendo, assim, a necessidade de nexos lógicos que se integrem ao contexto e à finalidade da troca entre os sujeitos.

Assim como na **transformação**, *ação* e *causação* são faces de uma mesma moeda, os princípios de *influência* e *regulação*, no processo de **transação**, estão estreitamente alinhados. Enquanto a *influência* compõe o processo ideacional do sujeito na troca, a *regulação* está relacionada às mobilizações linguístico-discursivas das quais o sujeito falante lança mão para efetivar suas visadas na encenação. Ou seja, a *influência* está para os ideais que regem o projeto de influência sobre o público, no espaço do fazer do ato de linguagem; bem como a *regulação* está para a enunciação, no espaço do dizer. Ambas são mecanismos que devem ser considerados pelos sujeitos durante a troca linguageira.

Durante o processo de **transação** no ato de linguagem, outros componentes discursivos englobam as semioses e a captação do público pelo sujeito: os imaginários sociodiscursivos e o *ethos* são dois desses componentes sobre os quais se discorre adiante brevemente.

Para tratar sobre os imaginários sociodiscursivos e o *ethos*, opta-se por ressaltar as principais características desses componentes discursivos. Pôde-se perceber que o quadro 1, de semiotização do mundo, apresenta a construção de sentido por sujeitos cuja subjetividade deflagra imaginários sociodiscursivos neste processo. Antes de entrar nessa seara, é preciso compreender que, ao cunhá-los, Patrick

Charaudeau considerou a psicologia, bem como a mecânica das representações sociais de Moscovici (2007).

As representações sociais operam na construção de sentido de modo que o seu produto releva outro componente: os imaginários sociodiscursivos. “Nessa perspectiva, as representações sociais não são um subconjunto dos imaginários ou das ideologias como outros propõem (Boyer, 2003, p. 19), mas uma mecânica de engendramento dos saberes e dos imaginários” (Charaudeau, 2017, p. 576). Sendo assim, os sistemas de representação depositados na memória coletiva da sociedade “refletem e refratam imaginários, interpretando a realidade que nos cerca e mantendo com ela relações de simbolização, por um lado, e atribuindo-lhe significações, por outro” (Monnerat, 2012, p. 308).

Os imaginários sociodiscursivos formatam a *realidade* em *real* significativa pela intersubjetividade dos sujeitos no processo de semiotização do mundo. Eles são uma forma de apreensão do mundo cuja produção se dá na mecânica das representações sociais (Moscovici, 2007). O imaginário “constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos” (Charaudeau, 2017, p. 578). É comum que, neste alinhamento entre operação e produto, ambos se confundam. Segue um esquema (Quadro 2) no qual são elucidados:

Quadro 2 – Representações e imaginários no processo de semiotização do mundo



Fonte: Quadro desenvolvido pelos autores após diálogos inspirados por curso ministrado pela profa. dra. Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF), na Universidade Federal Fluminense (2023)

O esquema acima convida para a reflexão de que o processo de semiotização do mundo envolve tanto as representações sociais quanto os imaginários sociodiscursivos, cada qual mobilizado em um eixo determinado. Se, por um lado, a operação de simbolização – atravessada pelas representações sociais no percurso da **transformação** da *realidade* em *real* pela subjetividade do sujeito – emerge em um mundo linguístico; por outro, é pelos princípios de **transação** que a materialidade linguística é sobredeterminada, revelando a intencionalidade do sujeito na troca linguageira e tornando os imaginários sensíveis à fala.

Nesse sentido é que Charaudeau pondera a respeito do caráter social do imaginário, que é engendrado pela mecânica das representações, e a respeito do caráter discursivo, pois “o sintoma de um imaginário é a fala” (Charaudeau, 2017, p. 579). Assim, é pelo eixo da **transação**, na interenunciação dos sujeitos e parceiros da linguagem, que ele (o imaginário) se evidencia no discurso e orienta os dizeres que são materializados a partir das operações de **transformação**, sob o regimento dos princípios de **transação**.

Outro ponto importante sobre os imaginários sociodiscursivos diz respeito ao seu caráter.

Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. Por exemplo, o imaginário da Modernidade cria tanto valores negativos – quando, opondo-se àqueles da Tradição, estigmatiza a perda do peso da história, da herança do passado e dos benefícios da filiação – quanto valores positivos – quando, ligada ao Progresso, se define como um desafio permanente às leis da natureza e um aumento do bem-estar social através dos avanços tecnológicos. (Charaudeau, 2017, p. 578).

Os imaginários sociodiscursivos circulam no meio social de diversas formas e de maneira mais ou menos imutável. Charaudeau menciona um sentido de base, uma “espécie de núcleo semântico mais estável” (Charaudeau, 2018, p. 206). Isso não significa que os imaginários sempre serão o que são. Atos de resistências e lutas contra-hegemônicas são algumas das mobilizações sociodiscursivas que atualmente vão de encontro ao caráter nuclear dos imaginários e com vistas a desnaturalizar sentidos que circulam, como os de estereotipagem, por exemplo.

O imaginário é essencializante, então, pois não pode ser atestado quanto ao seu valor de verdade:

O imaginário não é nem verdadeiro nem falso. Ele é uma proposição de visão do mundo que se baseia nos saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem se excluir ou se sobrepor uns aos outros. Isso permite ao analista não ter que denunciar este ou aquele imaginário como falso. (Charaudeau, 2017, p. 587).

Diferentemente dos imaginários – que não são verdadeiros nem falsos, que sugerem proposições desnudas de verdades absolutas e cristalizam em sua base semântica saberes de conhecimento ou de crença –, os estereótipos, por sua vez, em maioria, são de base de crença e enunciam pelo menos uma verdade: o ponto de vista do enunciador a respeito de seu dizer.

Esse caráter essencializante presente nos imaginários, provido pelas representações sociais, segundo Charaudeau (2018), na ordem afetivo-racional da intersubjetividade das relações humanas, coincide, portanto, com a base de seus saberes: “Saberes de conhecimento e saberes de crença estruturam as representações sociais. Os primeiros, ao construírem representações classificatórias do mundo; os últimos, ao darem um tratamento axiológico às relações do homem com o mundo” (Charaudeau, 2018, p. 198-199).

Os imaginários também esbarram nas projeções dos *ethé* no ato de linguagem. Dentro da AD (Análise do Discurso), o *ethos* se inscreve em uma problemática persuasiva. Respalado na concepção aristotélica que o concebe como um dos meios artísticos de prova na argumentação (Aristóteles, 2005), o *ethos* na AD é recrutado como um mecanismo de que o sujeito se vale na troca linguageira e cuja finalidade é exercer influência sobre o público a partir da imagem criada de si pelo no discurso.

Os *ethé* são “demonstrações psicológicas que não correspondem ao estado psicológico real do orador ou ao do auditório, mas ao que o público crê que os outros têm em mente” (Charaudeau, 2018, p. 113). Eles exercem a função de corporificação de imaginários. Diante do caráter representacional do jogo de imagens instituído na interação cuja primazia é a influência que o locutor exerce sobre o público, os *ethé* são identificados a partir de duas grandes categorias que se desdobram: a de *ethos* de identificação e a de *ethos* de credibilidade.

Na categoria de identificação, o locutor convoca à enunciação projeções de imagens que lhe conferem influência sobre o público, mas também dispõe de certo conteúdo pré-enunciativo sobre o público antes mesmo da encenação discursiva: o *ethos* prévio já pré-estabelecido pelas representações que o interlocutor tem do

sujeito a partir do imaginário social (Charaudeau, 2018). Em contrapartida, a categoria de credibilidade é concebida no dizer. É pela encenação discursiva entre os sujeitos que a enunciação monta ou remonta a imagens capazes de influenciar. O sujeito, neste espaço, é responsável por ser, fazer-se ou desfazer-se credível pelo seu ato enunciativo – o que confirmará a legitimidade das representações pré-estabelecidas pelo seu interlocutor (*ethos* de identificação) ou criará um novo conjunto representacional em que ele (o locutor) se reconstituirá na enunciação por imagens outras (*ethos* de credibilidade).

Maingueneau (2022), tecendo considerações acerca da aparente simplicidade da qual se reveste a noção de *ethos*, repensa-a de modo a implementá-la nos estudos de Análise do Discurso:

Um dos maiores obstáculos com que deparamos quando queremos trabalhar com a noção de *ethos* é o fato dela ser muito intuitiva. A ideia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial. Portanto, com frequência somos tentados a recorrer a essa noção de *ethos*, dado que ela constitui uma dimensão de todo ato de enunciação. (Maingueneau, 2022, p. 12).

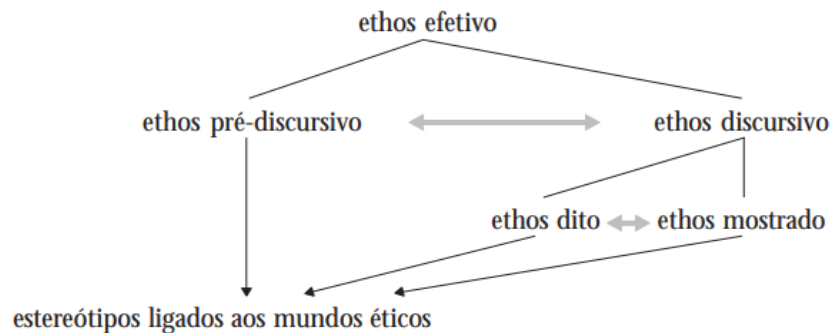
É justamente pela essência basilar desta noção que, grosso modo, concerne à imagem que o locutor constrói de si no discurso, que a Argumentação se empossa do *ethos* como objeto de estudo. Na troca comunicativa, o *ethos* se inscreve, então, em todo ato enunciativo, alimentando uma problemática de influência, na qual os interlocutores lançam mão de projeções para que determinada referência imagética ateste seu dizer: “o enunciador deve se conferir, e conferir ao seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber.” (Amossy, 2016, p. 16)⁷.

Maingueneau (2022, p. 18) atribui ao *ethos* um tom, um caráter e uma corporalidade. O tom recobre as manifestações do *ethos* no plano oral e escrito. Trata-se de traços sensíveis da vocalidade, na qual os tons se associam a um conjunto “de caracterização do corpo do enunciador (e bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação”. O tom deflagra tanto a dimensão do caráter do orador, que corresponde aos atributos psicológicos, quanto a corporalidade, os traços físicos e vestimenta que influenciam no processo enunciativo. Nesse sentido,

⁷ Amossy parafraseando “*Genèses du discours*” (Maingueneau, 1984).

os traços são produtos de configurações de pré-enunciação e de enunciação em que tom, caráter e corporalidade são constituídos em *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo:

Quadro 3 – Configuração dos *ethé*



Fonte: Maingueneau (2022)

Em Maingueneau (2022), os *ethé* organizam-se sob dois eixos para a completude de sua efetivação em cena comunicativa. O *ethos*, então, constitui-se a partir de um conjunto de projeções imagéticas pré-enunciação – o que confere ao locutor certa vantagem no jogo de influência por sua legitimidade antes mesmo que seu dizer alcance crédito. Constitui-se também a partir da enunciação, cujas imagens em relevo no dizer comportam uma relação síncrona entre o que é dito e mostrado simultaneamente. Segundo esse esquema, a configuração do *ethos* efetivo está atravessada, ainda, pelos estereótipos ligados aos mundos éticos.

Não muito distante de Maingueneau (2022), Charaudeau (2018) inclina-se ao atravessamento dos *ethé* pelos imaginários sociodiscursivos. Os *ethé* corporificam os imaginários, e os estereótipos, por sua vez, segundo Charaudeau (2018), estão na base de alguns imaginários, nucleando sentidos de estereotipagem.

É importante ressaltar que, embora Charaudeau (2018) e Maingueneau (2022) partam dos estudos aristotélicos da retórica clássica (2005) para abordagens sobre o *ethos*, eles desprendem-se da relação que o *ethos* estabelece meramente com a sua emergência na enunciação. Desse modo, filiam-se também ao evento pré-enunciação – configurando o que é tratado a seguir a respeito da força do *ethos* prévio sobre o *ethos* discursivo no caso de abuso cometido pelo médium João de Deus, foco maior deste artigo.

Adiante, concentramo-nos, a partir do relato de uma vítima, na relação vítima-abusador, na qual o médium brasileiro João de Deus se insere, considerando seus crimes de abuso sexual.

2 Na voz de outrem, sou o que sou ou o que dizem que sou?

A partir dos conceitos descritos anteriormente, recorre-se a três SD (sequência discursiva) para a oferta de um olhar – acerca da construção de sentido em relato de uma das vítimas de João de Deus – que demonstre os relevos das relações de força entre sujeitos historicamente pré-determinados segundo seus papéis de gênero.

A análise das sequências propostas, a seguir, parte de uma perspectiva atribuída – o *ethos* de outrem:

[...] acredito que poderíamos construir análises discursivas destinadas a elucidar os “*ethé* de outrem”, o que estenderia o *ethos* não apenas às imagens de si das instâncias de produção dos discursos abordados, **mas também às imagens de seres/coisas ou instituições tematizados por esses mesmos discursos**. O *ethos*, assim, não se resumiria, no plano teórico, ao conhecido jargão “imagens de si”, mas se estenderia também ao que poderíamos chamar de “imagens de outrem”. (Galinari, 2014, p. 65-66, grifo nosso).

Nessa perspectiva, resgata-se também o termo *ethos* atribuído (Charaudeau, 2018) que corporifica imaginários sociodiscursivos pela ótica do sujeito destinatário em relato posterior ao ato de linguagem com o sujeito locutor João de Deus. Adiante, verificam-se os mecanismos linguístico-discursivos que integram a semiose do relato da vítima de João de Deus, com vistas a evidenciar a relação de força que o *ethos* prévio de médium curandeiro de João de Deus exerce sobre seu *ethos* efetivo de abusador.

Mais uma vez, ratifica-se que este texto se limita à análise do *ethos* atribuído, ou seja, da discursividade emergente no relato pela perspectiva da vítima. Investigam-se, a seguir, pelo discurso citado (direto), os atos de linguagem da vítima pós-interação com o médium.

SD₁ – Depois que todas as outras foram atendidas, Ana entrou. Ele estava em pé e perguntou: “Por que você veio aqui, minha filha?” Dores no abdômen, ela disse. “Isso é porque seu corpo não pode ter menino. Você precisa tirar essa **coisa** de dentro de você. Essa **coisa**”, foi o diagnóstico.

Na SD1, a vítima Ana relata a sua chegada à Casa (assim intitulado o santuário de João de Deus). No processo de *identificação*, o SN (sintagma nominal) “*seu corpo*” localiza o problema da vítima, e o SN “*minha filha*”, além de expor a legitimidade de João de Deus quanto à sua posição de médium curandeiro – aquele capaz de curar o que a medicina não alcança –, revela também traços do *ethos* prévio de chefe que “[...] requer propriedades que destacam essa relação de dependência, como uma imagem que é explicitamente oferecida ao cidadão. Ele se manifesta por meio de diversas figuras, de *guia*, de *soberano* e de *comandante* (Charaudeau, 2018, p. 154). Com essa idealização, alimentada por um *ethos* prévio, é que as vítimas chegavam a João de Deus.

Antes de mencionar os aspectos lidos das classes acionais do verbo dentro do sintagma verbal da SD2 que segue adiante, ressalta-se que, aqui, há certo afastamento da visão tradicional da GT (gramática tradicional) que percebe a identificação e qualificação como um componente nominal; e a ação e causação, como um verbal. Certamente, esses encaixamentos não dão conta de leituras outras que são possíveis. A Semântica Formal – que se interessa pela interface com a sintaxe, examinando a composicionalidade e a construção de sentido no nível sentencial – observa que, além da questão argumental prevista no domínio verbal, também há a expressão de *eventualidades* pelas classes acionais dos verbos neste processo. Por essa ótica, abaixo, observam-se as sentenças na construção da *eventualidade* “abuso”.

Antes, vale esclarecer que o aspecto acional mencionado acima é dividido nas classes acionais de Vendler⁸ (apud Gomes; Mendes, 2018), separando as *eventualidades* em quatro tipos: os *estados*, as *atividades*, os *accomplishments* e os *achievements*, conforme a natureza da estrutura da cena descrita. Os estados são como retratos, fotogramas estáticos, em que não há mudança. Eles não trazem, portanto, um momento de princípio nem um de finalização para a *eventualidade* que descrevem: “*Eu gosto de jaca/ Eu moro em Santa Tereza*”. Os demais (*atividades*, *accomplishments* e *achievements*) são como cenas em curso, em que há pelo menos dois momentos diferentes, um antes e um depois. Tanto *atividades* quanto *accomplishments* são durativos: o momento do começo e do fim da *eventualidade* são distintos, e estão ordenados no tempo. *Achievements* começam e terminam instantaneamente. Em “o

⁸ VENDLER, Zeno. “Verbs and Times”. *The Philosophical Review*, v. 66, n. 2, 1957.

avião decolou”, a duração do evento começa e termina exatamente no momento em que a roda do avião deixa de tocar o chão para tocar o ar.

Uma das maneiras de distinguir *atividades* de *accomplishments* é pela homogeneidade/heterogeneidade. Se alguém dorme das 23h de terça até 5h de quarta, 23h-5h de sono é um intervalo em que a pessoa estava fazendo a mesma coisa. Já um *accomplishment* é uma sucessão de etapas distintas e ordenadas. Para fazer arroz, por exemplo, é preciso separar os ingredientes, colocá-los na panela, pôr no fogo etc. A ordem dos subeventos não é livre. Por exemplo, não se pode colocar no fogo antes de pôr água. Se o evento de preparação começou às 12h e acabou às 13h, o cozinheiro não fazia a mesma coisa a cada intervalo.

Na SD1, o sintagma verbal “*tirar essa coisa*” – além de narrativizar o ato de linguagem, descrevendo a eventualidade cuja sentença identifica o aspecto acional de tipo *achievement* – deflagra o seguinte processo instantâneo: retirada da coisa = cura (Vandler *Apud* Gomes; Mendes, 2018). Também se identificam, na SD1, em seus argumentos internos, o núcleo nominal “*coisa*”, bem como, na SD2 abaixo, o núcleo “*limpeza*”, ambos como diagnóstico e tratamento para vítima.

SD2 - Faria então levantou e deu uma volta ao redor do corpo de Ana. Parou exatamente atrás dela e se aproximou. “Eu sentia a respiração dele, puxando e soltando o ar, na minha nuca.” Ele começou a passar a mão no seu ventre. “Eu achei que fosse um passe na região em que a doença estava.” Mas a mão dele desceu para a sua virilha. Deu a volta pela coxa e chegou até a nádega. “Ele apertava a minha bunda. Ele apertava com as duas mãos, uma de cada lado. As mãos dele eram grandes, pareciam maior do que de um homem normal.” Enquanto a violava, ele dizia: “É, você vai precisar de uma **limpeza**. De uma boa **limpeza**”.

O que se esperaria da *eventualidade* “cura” como *atividade*, ou seja, uma ordem homogênea na sucessão dos fatos, é descrita pela não sucessão do esperado no ritual – o abuso. As sentenças que descrevem o ritual revelam a classe acional majoritariamente de tipo *accomplishment*, cenas distintas no aspecto esperado pelos verbos selecionados no ritual da atividade de cura: “*sentia a respiração*”, “*puxando e soltando o ar*”, “*desceu para a sua virilha*”.

Vale dizer que, no momento pré-ritual, o que começa como *achievement*, como uma proposta de cura instantânea somente com a retirada da “*coisa*”, reconfigura-se para *accomplishment* quando a intenção se subverte em abuso de modo a revelar que, durante os intervalos, o sujeito não realizava a mesma ação, mas outras diferentes que,

em conjunto, narrativizavam o abuso. Essa mudança, em nível discursivo, também remonta ao jogo de imagens no ato de linguagem pré, durante e pós-ritual.

Embora os elementos linguístico-discursivos fornecessem pistas para questionamento da legitimidade de João de Deus, esta, porém, já está cristalizada no *ethos* prévio. A vítima, por vergonha ou medo, atravessada por fragilidades emocional, psicológica e até física, não identifica as pistas linguageiras que colocam à prova a legitimidade do médium. Neste momento inicial, antes efetivamente do ritual de cura ocorrer, embora o ato de fala revele certo experimentalismo e diagnóstico precoce por parte do médium, o *ethos* prévio, no qual se ancora sua legitimidade, atribui-lhe confiança frente à vítima. Adiante, observa-se como os sintagmas verbais, no processo de semiotização que compreende a *ação* e *causação*, materializam um novo *ethos* (o *ethos* discursivo), desta vez, deflagrado durante o ritual de cura:

SD2 – Faria então levantou e deu uma volta ao redor do corpo de Ana. Parou exatamente atrás dela e se aproximou. “Eu sentia a respiração dele, puxando e soltando o ar, na minha nuca.” Ele começou a passar a mão no seu ventre. “Eu achei que fosse um passe na região em que a doença estava.” Mas a mão dele desceu para a sua virilha. Deu a volta pela coxa e chegou até a nádega. “Ele apertava a minha bunda. Ele apertava com as duas mãos, uma de cada lado. As mãos dele eram grandes, pareciam maior do que de um homem normal.” Enquanto a violava, ele dizia: “É, você vai precisar de uma limpeza. De uma boa limpeza”.

Nesse momento da SD2, com o ritual de cura em curso, o *ethos* prévio de médium curandeiro de João de Deus é sobreposto pelo *ethos* discursivo de abusador. Os sintagmas verbais “*sentia a respiração*”, “*puxando e soltando o ar*”, “*desceu para a sua virilha*”, “*deu a volta pela coxa*”, “*chegou até a nádega*”, “*apertava a minha bunda*”, além de conferir continuidade ao ato de linguagem pela operação de *ação*, também remontam ao tom (Maingueneau, 2022) de uma identidade projetada pelo caráter de abusador de João de Deus: “*Ele apertava a minha bunda. Ele apertava com as duas mãos, uma de cada lado.*”.

A operação de *causação* fomenta a materialidade linguageira da operação de *ação* descrita durante o ritual e deflagra o *ethos* discursivo de abusador. É um tanto lógico pensar que a motivação (*causação*) para a *ação* marcada pelos sintagmas verbais está inscrita em um percurso social e histórico dos papéis de gênero. Embora o ato de fala configure um abuso durante o ritual, a relação de força que o *ethos*

prévio exerce sobre o *ethos* discursivo impera durante o ritual de cura, levando a vítima a uma dupla forma de silêncio: o silenciamento durante o ritual e o silenciamento pós-ritual.

Em Orlandi (2007), silenciar não é calar, é significar:

[...] o silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. [...] aponta-nos que o fora da linguagem não é o nada, mas ainda sentido. (Orlandi, 2007, p. 13).

Embora se trate do silêncio propriamente, o caso que este texto investiga debruça-se a evidenciar a discursividade do silenciamento emergente do relato da vítima que se inscreve em uma violência de gênero. Esta, por sua vez

[...] teoricamente, engloba tanto a violência de homens contra mulheres quanto a de mulheres contra homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto, sendo este o grande argumento das críticas do conceito de patriarcado, que, como o próprio nome indica, é o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens. (Saffioti, 2015, p. 47).

O silenciamento demarca uma relação de poder instaurada por sujeitos historicamente pré-determinados, e ele se inscreve exatamente nesta relação de secundarização do feminino. A *causação* (Charaudeau, 2007) da encenação discursiva das SD, então, está inserida em uma problemática de dominação-exploração (Saffioti, 2015) de sujeitos segundo seus papéis de gênero pré-estabelecidos. O silêncio se configura no ritual de cura sob algumas formas:

- (i) pela relação de força dos *ethé* antes, durante e depois do ritual de cura.
- (ii) pela autocensura – a vítima omitia para se autopreservar visto que o médium também ordenava homicídios⁹.

⁹ Seguem alguns *links* de notícias relacionadas a João de Deus sobre homicídios:

1- <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/03/24/mulher-acusa-medium-joao-de-deus-de-tentar-mata-la-a-tiros-diz-tv.htm>

2- <https://oglobo.globo.com/brasil/joao-de-deus-acusado-de-tentativa-de-assassinato-23547084>

3- <https://www.metropoles.com/violencia-contra-a-mulher/joao-de-deus-nova-denuncia-inclui-homicidio-e-contrabando-de-uranio>

4- <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/24/interna-brasil,745051/em-novas-denuncias-joao-de-deus-e-acusado-de-assassinato-e-traffic-shtml>

- (iii) pelo medo apocalíptico (Charaudeau, 2022) – a vítima receava que a cura fosse desfeita, pois o médium a ameaçava caso os abusos fossem expostos.

Além da vergonha e do medo de serem julgadas desfavoravelmente por uma sociedade que se acostumou a valorizar João de Deus em virtude do seu *ethos* médium/curandeiro, essas três formas de silenciamento, inscritas no discurso de encenação médium-paciente, revelam imaginários sobre o feminino com os quais a sociedade lida há bastante tempo. A historicidade constituinte dos papéis de gênero posiciona, ainda hoje, como no caso de João de Deus, a mulher como figura subalterna e objetificada. Acima de tudo, são postos sobre seus corpos valores e imposições como moeda de troca que discursiviza as formas de silenciamento acima, de modo a revelar que no caso de João de Deus: (i) a autoridade masculina é genuína no curso histórico, (ii) silenciar permitirá transitar, bem como (iii) permitirá a manutenção da cura alcançada. Todos esses imaginários constituem o silêncio, levando a vítima a uma lógica incontestável como evidenciam as sentenças da SD3 a seguir: “*a gente faz cada coisa idiota na vida. [...] Eu acreditava que ia encontrar a cura lá*”.

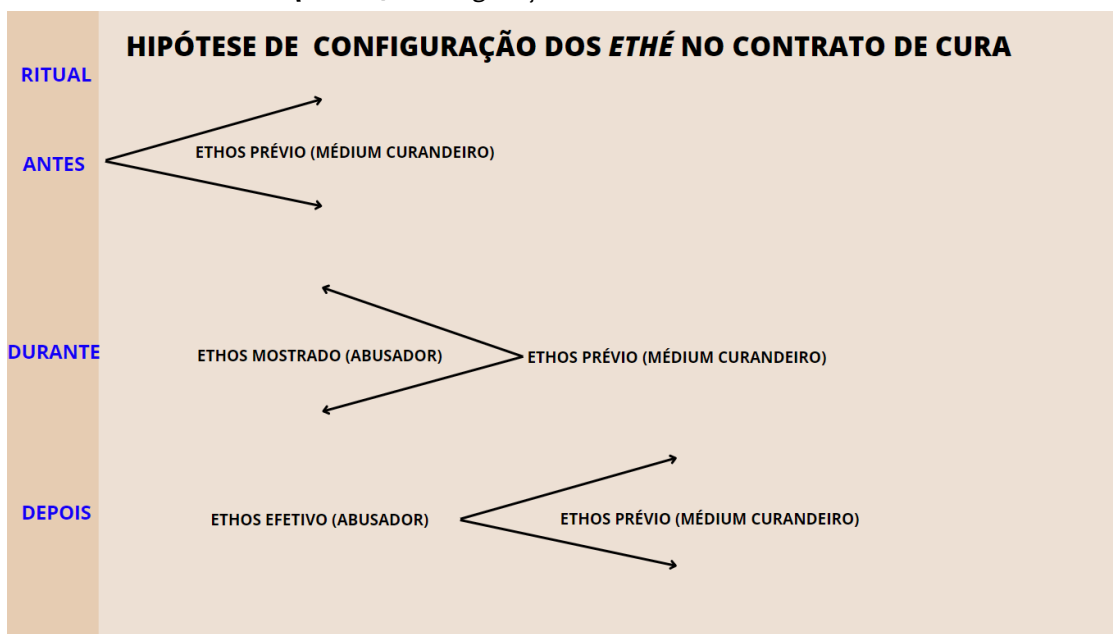
SD3 – Ele então ficou frente a frente com ela. E colocou a mão em seu ombro, fazendo força para baixo. Ele queria que ela se ajoelhasse. Ela obedeceu. Ele abriu o zíper e tirou o pênis de dentro da calça. “Eu lembro de tudo. Eu lembro daquele pinto mole, nojento, cheio de pele. Eu lembro que a unha do dedão dele estava roxa, parecia que ia cair. E eu olhava para aquela unha enquanto ele colocou uma mão atrás da minha cabeça, e coma outra segurava o pau dele. O pau meio mole dele. E eu olhei para essa unha e foi o único lugar para onde eu olhei. Eu foquei nessa unha, como se fosse um jeito de... Sei lá, um jeito de fugir. Eu pensava em gritar, mas eu não consegui na hora, eu não tive força e...” Sua voz embargada pausa. E depois ela bufa uma vez só, como se fosse um pranto abortado logo no começo. “A gente faz cada coisa idiota na vida. Eu sei que vão pensar que eu sou uma idiota, mas na hora fazia sentido. Parecia que as coisas lá dentro não eram iguais às coisas lá fora. Eu acreditava que ia encontrar a cura lá”.

Na SD3, ainda que fique evidente o valor descritivo do *ethos* de abusador a partir de alguns outros sintagmas verbais, bem como o “*segurava o pau mole dele*”, o momento pós-ritual traz consciência à vítima a respeito da influência sob a qual estava por meio do jogo de imagens no ato de linguagem: “*parecia que as coisas lá dentro não eram iguais às coisas lá fora*”.

A crença era alimentada pelo *ethos* prévio de João de Deus. A vítima chega à Casa com uma imagem pré-construída do médium até que, durante o abuso, esta

mesma imagem a silenciava e, depois do abuso, o *ethos* efetivo de abusador a desanuviava: “Eu acreditava que ia encontrar a cura lá”. O ato de linguagem do ritual de cura instiga a formulação de uma hipótese de configuração dos *ethé* quanto à encenação médium-paciente:

Quadro 4 – Configuração dos *ethé* no ritual de cura



Fonte: Quadro desenvolvido pelos autores após diálogos inspirados por curso ministrado pela profa. dra. Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF), na Universidade Federal Fluminense (2023)

As setas do esquema acima indicam a força que o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo exercem um sobre o outro nas etapas do ritual. Nessa hipótese que vem se confirmando, segundo a análise linguístico-discursiva das SD, os *ethé* se configuram distintamente em três momentos conforme ilustrado acima.

(i) antes do ritual, o *ethos* prévio de médium curandeiro detém força na troca linguageira, o que não põe em conflito ou em dúvida a legitimidade do médium. (ii) durante o ritual, as setas que encobrem o *ethos* mostrado indicam seu silenciamento pela força exercida pelo *ethos* prévio do médium. Por fim, (iii) pós-ritual, as setas que partem do *ethos* efetivo de abusador e encobrem o *ethos* prévio demonstram o silenciamento em relação ao *ethos* prévio de João de Deus. Essa relação dos *ethé*, durante o ritual, apontam uma dinâmica em curso nos rituais de cura do médium.

Considerações finais

Diante da investigação das SD (sequência discursiva) sobre o escopo dos pressupostos da Análise do Discurso de orientação Semiolinguística, pôde-se traçar caminhos pelos quais os próximos relatos, que compõem o *corpus* da tese de doutorado, poderão trilhar nos próximos passos da pesquisa.

O exame das sequências discursivas propiciou um comportamento que poderá ser padrão nos demais *corpora* que se analisam na tese de doutorado em andamento: pelo processo de semiotização do mundo (Charaudeau, 2019), o *ethos* prévio de João de Deus tende a ser deflagrado na composicionalidade dos sintagmas nominais no processo de identificação e na qualificação; enquanto o *ethos* efetivo de abusador, na dos sintagmas verbais, pelos processos de ação e causação. Considera-se que essa relação se concebe, pois o momento pré, durante e pós-ritual categoriza *ethé* que exercem mais ou menos força um sobre o outro.

Nessa mecânica organizacional dos *ethé*, também se pôde esclarecer imaginários sociodiscursivos engendrados nos silenciamentos presentes no ritual de cura. Os papéis de gênero se inscrevem na encenação discursiva pela força do dominador (Saffioti, 2015), pela possibilidade de trânsito e pela manutenção da cura alimentada pelo medo apocalíptico (Charaudeau, 2022) de retrocesso. São essas algumas das formas pelas quais o silêncio se discursiviza na troca linguageira.

Os mecanismos linguístico-discursivos investigados também orientam que as *eventualidades* dos verbos nas sentenças analisadas antes e durante o ritual podem ser conferidas aos demais relatos que integram a pesquisa. Percebeu-se, pela classe acional dos verbos das SD, que as sentenças de tipo *achievement* são previstas no momento pré-ritual – enquanto o *ethos* prévio não é posto em conflito com o *ethos* discursivo. No momento do ritual, o tipo *accomplishment* comparece, pois a ordenação lógica do que se espera como ato de cura é subvertido em abuso, levando o sujeito a realizar diferentes ações durante um evento que deveria ser homogêneo e, portanto, atividade, não *accomplishment*.

Os esforços agora se dirigem aos outros *corpora* que compõem a pesquisa de doutorado em andamento na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Espera-se investigar, pela encenação do ato de linguagem médium-paciente – que se reconfigura para abusador-vítima –, se os *ethé* em dis(curso) se configuram da mesma maneira das SD aqui analisadas, se são deflagrados nos mesmos eixos e

categorias linguístico-discursivas no processo de semiotização do mundo (Charaudeau, 2007) e se discursivizam as mesmas formas de silêncio (Orlandi, 2007).

Referências

AMOSSY, R. O *ethos* na análise do discurso de Dominique Maingueneau. In: AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2016.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2 ed. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005 (Col. Biblioteca de Autores Clássicos).

CHARAUDEAU, Patrick. A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha; André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FELITTI, Chico. **A casa: a história da seita de João de Deus**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

GALINARI, M. M. Sobre *ethos* e AD: tour teórico, críticas, terminologias. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2014.

GOMES, A.P.Q.; MENDES, L.S. **Para conhecer semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, D. **Genèses du discours**. Liège: Mardaga, 1984.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2022.

MONNERAT, R. S. M. As herdeiras de uma revolução: imaginários sociodiscursivos e estereótipos. In: **XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2012. Rio de Janeiro. Almanaque CIFEFIL, 2012. v. 16. p. 303-316.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.